

PRÊMIO PARA A CRIATIVIDADE

QUATRO ESCOLAS DO DF MOSTRAM QUE, SÓ COM IDÉIAS INTERESSANTES, É POSSÍVEL MELHORAR O ENSINO

Humberto Rezende
Especial para o *Correio*

O ano letivo das escolas públicas começou na última segunda-feira, com a presença de Fernando Henrique em uma sala de aula no Espírito Santo. Início simbólico, ao menos. A visita do presidente a um colégio capixaba prestigia um estado que tenta cortar gastos ao invés de brigar pela renegociação de sua dívida com a União. A mensagem era clara: o ano não será fácil — inclusive para a educação.

Frete às dificuldades econômicas que certamente agitarão 1999, diretores, professores e funcionários terão que suar

para manter um ensino de qualidade. E o caminho será o uso da criatividade.

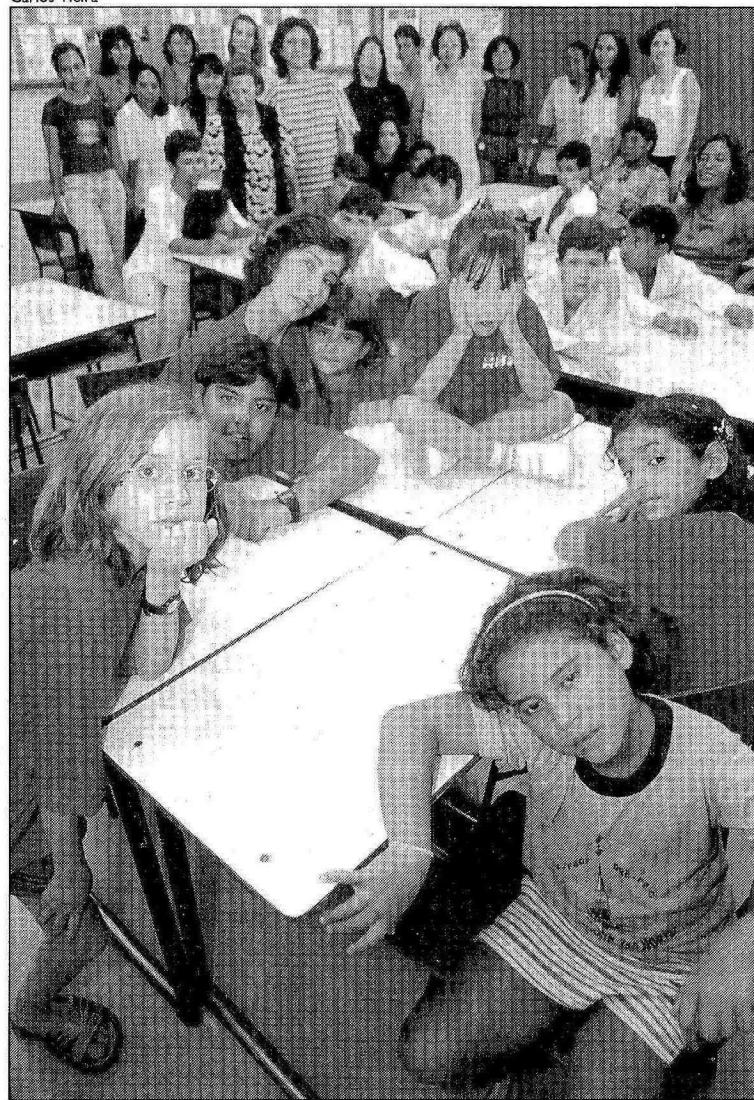
No Distrito Federal, quatro escolas mostram o caminho das pedras. Como de forma criativa e barata é possível elaborar — e implementar — projetos que melhoram a qualidade da educação oferecida. Por isso, a Escola Classe da 312 Norte, a Escola Rural do Rodeador, em Sobradinho, a Escola Classe 27 de Taguatinga e o Centro de Ensino 2 da Ceilândia receberam no fim do ano passado o diploma de Referência em Gestão Escolar.

Concedido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Un-

dime) e Conselho dos Secretários Estaduais de Educação (Consed), o diploma tem o objetivo de reconhecer escolas que tenham feito inovações na forma de gerir a instituição. “Procuramos premiar quem conseguiu transformar os alunos em seres atuantes nas decisões do colégio e exercitar a cidadania”, diz o especialista em educação da Unesco, Célio da Cunha.

Foram diplomadas 90 escolas em todas os estados. Dessa forma, todos os estados têm exemplos de gestões bem-sucedidas. A intenção é que se copie, cada vez mais, essas idéias — que alcançaram resultados excelentes. Nas quatro escolas diplomadas no DF, algo em comum: nível de reprovação e evasão escolar perto de zero.

Carlos Vieira



Escola Classe 312 Norte: programa tornou alunos menos agressivos

EXEMPLOS PARA SUPERAR DESAFIOS

Ronaldo de Oliveira



Escola Rural do Rodeador, uma das premiadas pela Unesco ao criar um Conselho Escolar: clima de harmonia faz do ambiente uma única família

ESCOLA RURAL DE SOBRADINHO

Ao se entrar neste colégio, é fácil perceber um raro clima de união. “É como se fosse a minha família”, resume a aluna da 8ª série Naiane Souza, 13 anos. O grau de convivência alcançado pelos alunos é o que permite a realização de trabalhos que integrem todas as disciplinas, ligadas através de um só tema.

No começo do ano, o Conselho Escolar, formado por representantes dos alunos, funcionários, pais, professores e direção escolhe o tema que vai orientar as aulas. A partir disso, o ensino da matemática, português, ciências ou educação física passa a girar em torno do assunto eleito, como a Copa do Mundo, por exemplo. “Eu conversei com os professores e descobri o que cada turma está aprendendo. Então elaborei jogos que envolvam esses conhecimentos, como buscar números ou letras em determinado lugar”, exemplifica o professor de educação física Gilson Brito.

Além desse trabalho integrado, dois outros projetos ocupam a vida da escola durante todo o ano letivo. O primeiro é a Hora Cívica, que divide a escola ao meio na produção de duas grandes apresentações, sempre sobre um tema ecológico. Cada grupo, coordenado por um professor, desenvolve um tema. A primeira apresentação ocorre no meio do ano; a segunda, no fim. O divertido é que um grupo mantém segredo sobre o que vai fazer, aumentando o grau de expectativa e envolvimento dos alunos.

FEIRA

“É muito bom. A gente fica curioso para descobrir o que os outros estão fazendo”, conta Natália Albuquerque, 13 anos. No ano passado, o grupo trabalhou com a evolução da Humanidade. Professor vestido de astronauta, porteiro de homem das cavernas, aluno inventando a roda. Uma festa de integração. Paralelamente a tudo isso, é preparada a Feira do Conhecimento, onde cada turma monta um estande sobre um assunto que estudou durante o ano.

A união da escola se dá ainda por meio da Caixa de Correio, em que todos trocam cartas entre si. Todo mês, são escolhidos dois carteiros que vão de sala em sala entregando a correspondência colocada na caixa. Para a coordenação do programa, a integração dos professores e das disciplinas se torna possível graças ao tempo usado na coordenação.

Com o fim da Escola Candanga, anunciado pelo atual governo, temem que se perca esse espaço. Atualmente, os professores passam cinco horas em sala e três elaborando suas aulas e projetos. “Sem esse tempo fica impossível”, diz a diretora, Dirlene Cardoso.

■ Escola Rural do Rodeador
Tel.: 501 0113

ESCOLA CLASSE DA 312 NORTE

Os alunos desta escola aprenderam uma lição no ano passado: carinho, atenção e conversa são os melhores remédios para todos conviverem bem. Isso graças ao projeto Conselheiros da Paz. Cada turma elege mensalmente dois conselheiros, que munidos de crachá no peito, têm o poder de intervir em brigas e discussões para acalmar os ânimos.

“As crianças respeitam muito. E ficaram mais unidas”, diz a diretora Relsytan Caribé. “O curioso foi que eles passaram a votar justamente nos alunos mais agressi-

vos para, assim, mudá-los”, completa a coordenadora pedagógica Nina Cláudia Mello. Eles se tornaram figuras constantes em manifestações públicas, como na organização para lembrar a morte do índio pataxó Galdino Jesus. Mas outros projetos agitam o colégio no ano passado, como a Festa do Livro. Junto com o Conselheiros da Paz, foi indicado pelo Ministério da Educação para representar o DF no encontro realizado ano passado em Faxinal do Céu (PR), que reuniu mais de 60 experiências de educação de todo o Brasil.

A Festa do Livro promove o lançamento de obras escritas e produzidas pelos próprios alunos. O material é preparado ao longo de todo ano. No fim do período escolar, a

e as turmas tinham nomes de flores. Girassol, Copo-de-Leite, Rosa. “Eu adoro a escola, porque aqui a gente aprende brincando”, diz a aluna Talita Vaz, nove anos, aluna da 3ª série. “Tudo que vemos na televisão e nos jornais vira assunto para a gente discutir e aprender”, continua a menina.

Livros também são matéria-prima para o conhecimento. Cada turma escolhe uma obra para ser trabalhada. A partir daí desenvolvem um projeto a ser apresentado na Feira do Livro. A turma de ensino especial da professora Ângela Souza, que tem alunos com deficiência mental leve, construiu ano passado uma chocadeira de ovos. O livro lido pela turma contava a história de

uma festa de lançamento reúne pais, alunos e funcionários da escola. “É um trabalho que legitima a função da escrita. A criança vê por que está aprendendo a ler e escrever, a importância disso”, diz Relsytan.

A professora Natália Duarte, 33 anos, se diz muito contente por ter a filha Mariana, dez, estudando na escola. “Ela se sente participando das decisões da escola”, comemora. Natália acha importante a preocupação da escola em formar valores nas crianças e sensibilizá-las por meio da arte.

Projeto que também faz muito sucesso entre os alunos é o Arte Itinerante na Sala de Aula. Com a ajuda financeira da Associação de Pais e Mestres (APM), cada sala recebeu uma pasta com a reprodu-

ção de 47 obras de arte de artistas brasileiros e estrangeiros. Assim, elas estudam a vida e obra de pintores consagrados e depois exercitam sua criatividade, fazendo reproduções, poesias, redações.

Exemplo do exercício da convivência se encontra na disposição dos alunos em sala, sempre divididos em grupos. No começo do ano, as crianças escolhem o grupo de que querem fazer parte e elegem um representante. Com o tempo podem propor novas eleições ou questionar se algum aluno está prejudicando o grupo e propor uma discussão. “Queremos que elas produzam, opinem e cresçam juntas”, diz a diretora da escola.

■ Escola Classe da 312 norte
Tel.: 340 1840

ção de 47 obras de arte de artistas brasileiros e estrangeiros. Assim, elas estudam a vida e obra de pintores consagrados e depois exercitam sua criatividade, fazendo reproduções, poesias, redações.

Exemplo do exercício da convivência se encontra na disposição dos alunos em sala, sempre divididos em grupos. No começo do ano, as crianças escolhem o grupo de que querem fazer parte e elegem um representante. Com o tempo podem propor novas eleições ou questionar se algum aluno está prejudicando o grupo e propor uma discussão. “Queremos que elas produzam, opinem e cresçam juntas”, diz a diretora da escola.

■ Escola Classe da 312 norte
Tel.: 340 1840

ponsável por preparar estandes com artesanato e comidas típicas de uma região brasileira, além de realizar apresentações de música e dança características. A festa é aberta a toda a comunidade e conta com a presença dos pais.

“Os pais são essenciais nesse processo”, diz Laura. Tanto que para este ano um dos projetos requer a participação deles. Todos os professores começarão o ano trabalhando a identidade dos alunos. “Chamaremos os pais para contar porque escolheram aquele nome para seus filhos. Assim introduziremos o estudo de história. A partir da história dos nomes deles”, conta.

■ Escola Classe 27 de Taguatinga
Tel.: 354 7234

CENTRO DE ENSINO 2 DA CEILÂNDIA

Anderson Froes, 18 anos, assume todos os dias na hora do recreio o sistema de som instalado no Centro de Ensino 2 da Ceilândia, onde cursa a 8ª série. Ele é o DJ Pissaca, eleito pelos alunos da escola para comandar o Rádio Corredor. Além de selecionar as músicas — de todos os estilos — lê mensagens de carinho, declarações de amor e recados dos colegas.

Anderson mudou. “Antes só queria saber de pichar muros”, conta. Sentir-se útil e aceito pelo grupo mudou sua atitude. Fez curso de DJ, animou festas na Ceilândia e entrou em um grupo de rap — o Condição Verbal. Nas férias, trabalhou em um verdurão para comprar novos equipamentos. “A escola me ajudou a mudar”, diz, alegre.

Se durante o intervalo acontece alguma briga, o recreio é interrompido. Os nomes dos alunos envolvidos são ditos no auto-falante. Eles têm, então, que apresentar alguma forma de retratação com o resto do colégio. Se for aceita, não precisarão passar pela direção e ser advertidos. “Assim aprenderam a respeitar as regras de convivência”, diz a diretora da escola, Vânia Rego.

A Rádio Corredor foi uma das formas encontradas para se acabar com o problema de brigas constantes no intervalo das aulas. Assim como o cumprimento das regras de convivência. Professores e direção escolheram dez regras que os alunos precisavam seguir. Em contrapartida, os estudantes determinaram dez normas que os funcionários devem respeitar. Não dar apelidos ou gritar com os alunos, não fumar em sala e justificar porque não foram trabalhar, são algumas delas.

Vânia acredita que a escola passou a ser mais respeitada pelos alunos depois que a comunidade foi envolvida. Juntos, moradores e professores se mobilizaram para que as ruas próximas à escola fossem asfaltadas. A quadra de esportes foi cedida para a comunidade. Vânia chegou a pedir exame de paternidade para um dos alunos. “Isso fez com que a escola fizesse parte da comunidade e fosse mais respeitada e preservada”, diz a diretora.

Para ela, esse trabalho se tornou possível graças à gestão democrática, que prevê que diretores e membros do Conselho Escolar sejam eleitos diretamente. Prática que a atual secretária de Educação, Eurides Brito, quer extinguir. Ex-aluna da escola, Vânia acha que só alcançou esses resultados porque toda sua equipe conhece a região e moradores. “Diretor de escola não é meramente um cargo técnico”, defende. Quanto a melhora do rendimento dos alunos, a explicação é só uma: “Melhoramos sua autoestima. Sem isso, ninguém vê motivos para estudar”.

■ Centro Educacional 2 de Ceilândia
Tel.: 371 2533